

TRABALHO ARTÍSTICO E TÉCNICO NA INDÚSTRIA CULTURAL

Organização
Liliana R. P. Segnini (Unicamp, Brasil)
María Noel Bulloni (Conicet-Unaj, Argentina)

São Paulo, 2016



Realização

Itaú
cultural

MINISTÉRIO DA
CULTURA



COMUNICAÇÃO E TRABALHO. ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA O ESTUDO DO TRABALHO DOS JORNALISTAS

Roseli Figaro

Resumo: O objetivo deste estudo é assinalar o binômio comunicação e trabalho como uma nova linha de pesquisa na área de teorias da comunicação, apropriada para estudar as relações de comunicação no mundo do trabalho. Essa abordagem entende comunicação e trabalho como unidade constitutiva da atividade humana, capaz de revelar os valores com os quais se constrói a sociedade. Essa perspectiva é aplicada na pesquisa sobre o mundo do trabalho dos jornalistas de São Paulo, realizada entre 2009 e 2012 pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da ECA/USP, com apoio da Fapesp. Com a triangulação de métodos quantitativos e qualitativos, a pesquisa revela o perfil dos jornalistas de São Paulo e seus pontos de vista sobre o trabalho.

Palavras-chave: comunicação e trabalho; atividade humana; jornalistas.

Resumen: El objeto de este estudio es señalar el binomio comunicación y trabajo como una nueva línea de investigación en el área de las teorías de la comunicación, adecuada para estudiar las relaciones de comunicación en el mundo del trabajo. Este enfoque considera la comunicación y el trabajo como unidad constitutiva de la actividad humana, capaz de revelar los valores con los cuales se construye la sociedad. Esta perspectiva se aplica a la investigación sobre el mundo del trabajo de los periodistas en Sao Paulo, realizada entre 2009 y 2012, por el Centro de Investigación en Comunicación y Trabajo de la Escuela de Comunicaciones y Artes de la Universidad de Sao Paulo (ECA-USP), con el apoyo de la Fundación de Amparo a la Investigación del Estado de Sao Paulo (Fapesp). Con la triangulación de métodos cuantitativos y cualitativos, la investigación revela el perfil de los periodistas de Sao Paulo y sus opiniones sobre el trabajo.

Palabras clave: comunicación y trabajo, actividad humana, periodistas.

Introdução

A proposta teórico-metodológica do binômio comunicação e trabalho é uma reflexão sobre a centralidade da categoria trabalho a partir do campo da comunicação. Afirma-se que tal centralidade se dá, sobretudo, em razão da incorporação da comunicação como lógica organizativa dos processos produtivos e da presença das tecnologias de informação e de comunicação no mundo do trabalho. Para além da determinação econômica, o trabalho constrói as relações entre as pessoas na sociedade. Ele é fonte de ordenação e hierarquização dos valores sociais e dos laços de sociabilidade.

O binômio comunicação e trabalho permite que sejam discutidas as relações de comunicação no mundo do trabalho, para que se possa compreender quais os sentidos do trabalho, como as lógicas comunicacionais dos processos de organização da produção e das tecnologias introduzem mudanças nas formas de se trabalhar e nas relações sociais.

Muito se tem falado sobre a comunicação nas empresas. Essa discussão está limitada, no entanto, à abordagem da comunicação como marketing e estratégia dos modelos de gestão da produção. São apropriações que tomam a comunicação como ferramenta para a transmissão de ordens e prescrições da direção e das metas organizacionais. Sem considerá-la como atividade real de trabalho.

Como alternativa, propomos o estudo da comunicação e do trabalho a partir do ponto de vista de quem trabalha. Isto é, das relações de comunicação no mundo do trabalho, dos relatos sobre o trabalho e da compreensão da importância da comunicação para que o trabalho se efetive.

Neste artigo, pretende-se discutir a abordagem dos estudos da comunicação a partir do binômio comunicação e trabalho, bem como apresentar a pesquisa *As Mudanças no Mundo do Trabalho dos Jornalistas de São Paulo*, realizada entre 2009 e 2012, com apoio da Fapesp (FIGARO, 2012).

O binômio comunicação e trabalho aplicado à pesquisa com jornalistas

Se o jornalismo e os jornalistas são produtos de uma época histórica caracterizada pela emergência de determinadas forças hegemônicas (GRAMSCI, 1978) e por características específicas no seu modo de produção, quando essas condições se alteram, no sentido de aprofundar e radicalizar as contradições do sistema econômico, como as que se deram no final do século XX, em que resultam essas alterações? O que se pode afirmar sobre quem faz o jornalismo e sobre como esse fazer, suas normas e rotinas produtivas estão delimitados pela lógica da grande empresa e da desregulamentação dos vínculos empregatícios? Como o jornalista nas *dramáticas* da atividade de trabalho (SCHWARTZ, 2007) enfrenta os desafios cotidianos do exercício profissional?

Nossa hipótese de pesquisa é que, ao observar o mundo do trabalho do jornalista a partir de sua fala sobre a atividade de trabalho e a partir da configuração de seu perfil, compreendemos os problemas, os desafios e as tendências do exercício profissional. Aplicamos o pressuposto teórico da atividade de comunicação e trabalho como método, ou seja, ouvimos quem trabalha para entender o que acontece do micro ao macrosocial e como as escolhas feitas no âmbito do específico da atividade do *corpo si* (SCHWARTZ, 2000) no trabalho estão relacionadas aos valores que constroem a sociedade.

O problema da pesquisa

No Brasil, a prática profissional do jornalismo consolidou-se na segunda metade do século XX. Empresas e jornalistas profissionalizaram-se para atender a demandas vinculadas a relações políticas e comerciais no âmbito do Estado, das grandes empresas anunciantes e da geopolítica internacional. Com o advento da informatização e das novas mídias, o jornalismo e o jornalista enfrentam desafios.

O que se pode afirmar sobre quem faz o jornalismo e sobre como esse fazer, suas normas e rotinas produtivas está delimitado pela lógica da grande empresa? Como o jornalista, nas *dramáticas* da atividade de trabalho (SCHWARTZ, 2007), enfrenta os desafios cotidianos do exercício profissional?

Muniz Sodré dá pistas importantes para que se problematize o universo do jornalismo e dos jornalistas. O autor afirma que “[...] a informação contemporânea implica outro tipo de valor: transparência, ao invés de densidade simbólica” (SODRÉ, 2009). Ou seja, quanto mais se dissimulam ou se apagam os modos como o relato é produzido, construído, elaborado, maior é sua força e aparente transparência. Para Alzira Abreu (2002: 35), “são a competitividade entre os vários tipos de mídia e a disputa pelo mercado as responsáveis pelo comportamento dos jornalistas na atualidade”. Esses aspectos também foram verificados pela pesquisa *O Perfil do Jornalista e os Discursos sobre o Jornalismo. Um Estudo das Mudanças no Mundo do Trabalho do Jornalista Profissional em São Paulo (2009-2012)*.

Objetivo e metodologia da pesquisa

O objetivo da pesquisa foi realizar um levantamento sobre o perfil dos jornalistas profissionais em São Paulo e conhecer o ponto de vista desse profissional sobre o seu trabalho. O perfil dos jornalistas abrange informações sobre faixa etária, escolaridade, vínculo empregatício, relações de trabalho e dados socioeconômicos e de consumo cultural. A estratégia da pesquisa tem como referência a triangulação metodológica (DENZIN & LINCOLN, 2006; JENSEN & JANKOWSKI, 1993), com os seguintes instrumentos de pesquisa: questionário quantitativo de múltipla escolha, entrevista em profundidade e grupo de discussão. A triangulação metodológica também se deu na composição das amostras da pesquisa. Foram compostas amostras a partir do critério de vínculo empregatício, buscando-se jornalistas em redes profissionais na internet, com diferentes vínculos e trabalhando em diferentes mídias; profissionais associados ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo; jornalistas com emprego fixo em uma grande empresa editorial de São Paulo.

Como estratégia metodológica, foram enviados 3.278 questionários fechados de múltipla escolha a jornalistas de São Paulo e 538 questionários respondidos foram consolidados (16,42%). A amostra foi estruturada a partir de diferentes estratégias: a) jornalistas foram contatados por rede social de trabalho (jornalistas e seus contatos); b) jornalistas sócios do sindicato foram contatados para participar da pesquisa com o apoio do sindicato; c) jornalistas empregados em uma grande empresa editorial foram contatados com o apoio da empresa; d) jornalistas freelancers foram contatados a partir de redes sociais de trabalho (freela.com.br e clicfolio). Todas as respostas aos questionários, enviados eletronicamente, foram coletadas e armazenadas em um banco de dados e as análises geraram gráficos e quadros que permitem desenhar o perfil do jornalista de São Paulo.

Na etapa qualitativa, foram realizadas 20 entrevistas com jornalistas selecionados a partir dos critérios de perfil verificados na fase quantitativa. O mesmo critério orientou a composição de dois grupos de discussão. Um grupo foi composto de seis jornalistas com diferentes vínculos de trabalho e o segundo

grupo foi composto de dez jornalistas freelancers. As técnicas de composição e acompanhamento do grupo de discussão foram adotadas conforme orienta Barbour (2009).

Atividade humana de trabalho e de comunicação

A atividade humana de trabalho interessa particularmente ao campo científico da comunicação. Isso porque ela corrobora que se entenda o conceito de comunicação de maneira mais ampla, como constitutivo do humano, não o restringindo às demandas vinculadas aos aspectos dos meios de comunicação tradicionais ou digitais. Esse tipo de restrição tem sido um dilema permanente na área. Poucos entendem o campo da comunicação como aquele que estuda a comunicação humana, relação sempre intersubjetiva de produção de sentidos, mediada ou não por artefatos tecnológicos.

A justificativa para essa atitude baseia-se na afirmação de que, como a comunicação é a base das relações sociais, haveria que se delimitar o objeto de estudo da área da comunicação aos meios de comunicação analógicos ou digitais, às mídias, caso contrário haveria dispersão e embaralhamento entre campos científicos, visto que a comunicação humana também é de interesse de outras ciências. A esse tipo de argumento nos contrapomos afirmando a necessária interdisciplinaridade inerente ao campo da comunicação. Baccega (1998) afirma que, para a constituição do campo da comunicação, houve a metassignificação de ciências oriundas de outros campos científicos, que, ao ser apropriadas pelos estudos da comunicação, passaram por um deslocamento, uma reconfiguração.

Hoje, as ciências humanas e sociais estão efetivamente incorporadas ao campo da comunicação, constituindo-o. Já não são mais os fundamentos psicológicos, fundamentos sociológicos da comunicação etc., ganham outra especificidade nesse diálogo interdiscursivo. Essa especificidade passa a ser, agora, não mais a que se prende ao domínio de onde provêm, mas aquela que, no confronto de cada ciência com as demais, permite-lhe distinguir-se (BACCEGA, 1998).

Assim, ao reafirmarmos o campo da comunicação como próprio e interdisciplinar, enfatizamos que a questão não é de *objeto de estudo*, mas de ancoragem epistemológica e teórica. Ao se tratar do binômio comunicação e trabalho no campo da comunicação, propõe-se a reflexão sobre o conceito de comunicação como aquele necessariamente orientado pela práxis humana, a qual demanda a compreensão do sujeito na dinâmica da vida social e nas relações entre as classes em suas dimensões históricas.

Sobre esse tema, parece-nos relevante retomar Leontiev (1976) como o teórico formulador, com Vigotski, de uma teoria da psicologia histórico-cultural que contribui para a formulação do conceito de comunicação. Para Leontiev (1976), a atividade humana coloca em relação trabalho e comunicação.

No trabalho, os homens entram inevitavelmente em relação, em comunicação uns com os outros. Na origem, suas ações, propriamente o trabalho, e sua comunicação formam um processo único. Agindo sobre a natureza, os movimentos de trabalho dos homens agem igualmente sobre os outros participantes na produção. Isto significa que as ações do homem têm nessas condições uma dupla função: uma função imediatamente produtiva e uma função de ação sobre outros homens, uma função de comunicação (LEONTIEV, 1976).

Para o autor, a comunicação mobiliza os meandros da atividade humana e não pode escapar dela. A relação entre trabalho e comunicação como processo único, conforme destaca, dá as bases para o

estudo do binômio comunicação e trabalho. Para enfatizar essa abordagem, Baccega explica que a “função de comunicação é própria da práxis”, o que supõe “trabalho e existência”, e, nesse processo, a formação de um sistema maior de abstração, a linguagem (BACCEGA, 1998). Ou seja, no cerne da comunicação está a práxis humana.

Estudar a comunicação como aspecto inerente à atividade humana, capaz de revelar as complexas relações que se estabelecem no mundo do trabalho, traz para o campo da comunicação uma gama de novos temas e problemas. Sobretudo, dá ao conceito de comunicação um caráter ontológico, no sentido da ontologia do ser social que Marx discute nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, de 1844.

A relação entre ser e objeto se dá pela atividade humana de trabalho no âmbito da comunicação intersubjetiva. Isso implica reconhecer que comunicação e trabalho são fundamentos da sociabilidade humana. A comunicação é uma conquista da espécie humana, efetivada pela condição do homem de sobrepor-se, por meio de sua atividade de trabalho, às condições da natureza. A comunicação está ligada, desde a origem, à atividade produtiva, à “comunicação material dos homens” (LEONTIEV, 1976).

A atividade para a sobrevivência, no enfrentamento das “infidelidades do meio” (SCHWARTZ, 2007), requer a comunicação entre os seres para que haja cooperação, para que se identifiquem os conflitos e, por conseguinte, sejam superadas as dificuldades. E é a atividade de comunicação e de trabalho o material objetivo com o qual se fabrica a realidade humana. A comunicação por meio de gestos, sinais, expressões faciais e do corpo denota a ambiência que condiciona o trabalho, mas é a comunicação verbal, a palavra, aquela que mais se aproxima e acompanha a atividade de trabalho em sua complexidade (SCHWARTZ, 2007).

Essa apropriação do conceito de atividade, que comporta comunicação, trabalho e linguagem, distancia-se de uma metafísica idealista. Forçosamente, tal relação com a ontologia do ser social opõe-se à separação de atividade humana e história; de atividade humana e condições materiais e culturais da existência em sociedade.

Essa articulação possibilita ver em movimento, sempre transformador, a atividade de trabalho e, portanto, a realidade social e cultural. Entende-se como a atividade de comunicação e trabalho – fundamento da subjetividade e da sociabilidade – é substancial para se compreender os processos culturais e as transformações sociais contemporâneas.

A análise da comunicação no mundo do trabalho, na perspectiva apontada até aqui, exige que o pesquisador apure a observação e a compreensão dessas situações considerando os sujeitos que trabalham, as redes de relações que viabilizam o trabalho e a formação dos conjuntos de coletivos (trabalhar é sempre trabalhar com o outro) para o trabalho.

A partir dessa compreensão, a análise e a discussão das transformações no mundo do trabalho, introduzidas pelas tecnologias de informação e de comunicação e pelos procedimentos de racionalização da produção, são realizadas sem dissociá-las das relações concretas nas quais essas tecnologias e esses procedimentos são apropriados. Haja vista que tal dissociação pretende dissimular o inerente ineditismo engendrado pelo sujeito em atividade, bem como apagar da história que os avanços tecnológicos são conquistas da humanidade. Pode estar nessa dissociação a origem de interpretações deterministas do processo de comunicação mediado pelas tecnologias.

As tecnologias para o binômio comunicação e trabalho

Como dissociar o mundo do trabalho das tecnologias de informação e de comunicação? É isso que geralmente se faz ao estudar as tecnologias. Elas ganham uma dimensão dissociada da vida real e da dinâmica da sociedade. Para se compreender a gama de questões envolvidas nessa discussão, vale destacar o conceito de artefatos da cultura como resultado da atividade humana, sobretudo, no trabalho.

Folcher e Rabardel (2007) discutem a relação homem-máquina a partir do entendimento que se tem dos “dispositivos técnicos, materiais ou simbólicos” (chamados de artefatos) e definida em três tipos: centrada na interação homem-máquina; no homem-máquina como um sistema engajado numa tarefa; na mediação da atividade pelo uso dos artefatos.

Os autores explicam que, na interação homem-máquina, ambos são considerados entidades heterogêneas e essa relação implica uma interface (dispositivo; *hardware* ou *software*). Analisam-se, nesse caso, a qualidade da interação para a realização da tarefa, a facilidade de aprendizagem, a adaptação e a proteção contra os erros do usuário. No sistema homem-máquina, ambos são considerados “componentes de um mesmo sistema funcional engajados em conjunto na realização de uma tarefa” (FOLCHER & RABARDEL, 2007). A finalidade, a ser realizada em um dado ambiente, orienta o sistema homem-máquina; a máquina está acoplada ao processo cognitivo do operador, mas a tarefa, o objetivo a cumprir, é do sistema em seu conjunto. Já a “atividade mediada pelos artefatos se centra no uso humano das ferramentas culturais” (Id. Ibid.). Folcher & Rabardel buscam em Vigotski a explicação teórica para esse tipo de atividade. “A mediação da atividade humana pelos artefatos é considerada como o fato central que transforma as relações do sujeito com o mundo, as funções psicológicas, e condiciona seu desenvolvimento” (apud FOLCHER & RABARDEL, 1930: 209). Ou seja, trata-se de entender as tecnologias como artefatos, ferramentas que são produtos da cultura, originadas da ação e da atividade humanas, e então problematizar as mudanças culturais que essa relação mediada demanda.

Na mesma linha de Vigotski, Leontiev (1976) considera a atividade mediada por artefatos como preponderante na formação da psique humana. O trabalho e a comunicação são os fundamentos dessa formação. E, aqui, avança-se da compreensão do artefato como ferramenta cultural para a como instrumento. Visto que um novo artefato não é imediatamente e indiscriminadamente incorporado pelo sujeito, mas depende da articulação com a atividade concreta desse sujeito. Se cada cultura se basta a si mesma e constrói artefatos que respondem às suas necessidades, é na prática social que elas se atualizam. Assim, entre o artefato (ferramenta produzida pela cultura) e o instrumento há a atividade objetiva de cada indivíduo. Há a necessidade do uso, de esquemas de apropriação pessoal, há a manifestação da plenitude do sujeito em atividade. Daí Folcher e Rabardel (2007) classificarem o instrumento como “unidade mista”: por um lado, um artefato material ou simbólico, produzido pela cultura; por outro, esquemas de utilização associados, resultado de construção própria do sujeito. E ainda afirmam:

Os artefatos aos quais são confrontados os sujeitos em situação de trabalho, de formação ou da vida cotidiana têm como característica terem sido elaborados para realizar funções previamente definidas, funções que propomos nomear [...] como funções constituintes. A instrumentalização do artefato faz emergir funções novas, momentaneamente ou duravelmente. Essas funções novas,

elaboradas no uso no decorrer das gêneses instrumentais, são funções constituídas (FOLCHER & RABARDEL, 2007).

Entre o já prescrito (inscrito no artefato) e o uso específico, surge o novo, essa é a marca da atividade humana; é por meio desse movimento que se renovam os artefatos, incorporados como instrumentos. Esse mesmo movimento se dá na apropriação das tecnologias de comunicação. Como artefatos, elas acumulam as funções previamente definidas pela cultura, mas a utilização faz delas instrumentos renovados. Reiteram os autores:

Através das gêneses instrumentais, os usuários contribuem, no uso, com a concepção ao mesmo tempo dos artefatos, esquemas de utilização, usos e suas condições. Tendem assim a estabelecer coerências entre as formas dos artefatos e as da atividade, a torná-las congruentes. O instrumento entidade composta de esquema e artefato realiza concretamente esse estabelecimento de coerência. (FOLCHER & RABARDEL, 2007, *apud*. FOLCHER, 1999).

Quando nos reportamos às tecnologias de informação e de comunicação, chamamos atenção para as apropriações dessas tecnologias como produto da atividade humana. Por isso, elas devem ser problematizadas no nível dos objetos empíricos concretos e consideradas no percurso de artefato a instrumento. As formas concretas de apropriação dos artefatos e os valores que conformam as escolhas para seu uso são revelados na atividade de trabalho. Que tipo de sociedade se revela por meio de um produto, por exemplo, o iPad, almejado pelas facilidades de conexão e pela oferta de serviços, mas produzido por pessoas que trabalham em condições similares a escravos? Será que esse mundo do trabalho revela algo que circula como valores na sociedade? De que maneira se incorpora ao artefato tecnológico a banalização da vida, a substituição do que é vital pelo supérfluo?

História e processo produtivo engendram a lógica do papel das tecnologias na sociedade. O contexto que conforma todo o período de mudanças, proporcionadas pelas tecnologias, está relacionado à problemática do modo de produção. O advento das tecnologias digitais, por exemplo, não pode ser separado do processo de globalização, da reorganização geopolítica do pós-guerra, da reestruturação produtiva por meio da flexibilização e da polivalência da força de trabalho e da precarização dos vínculos contratuais de trabalho.

Dierkes, Hofmann e Marz (2000) afirmam que as tecnologias são marcadas pelo contexto em que são elaboradas e exploradas. Esses usos mostram quais são os valores e as opções que articulam fatores econômicos, sociais, culturais, políticos e organizacionais. Se há valores que orientam as opções sobre o desenvolvimento e os usos das tecnologias, esses valores estão imersos no sistema complexo de relações culturais, comunicacionais, econômicas e políticas. Há um permanente jogo de relações, contradições e conflitos. O novo, na apropriação de uma tecnologia, de um processo produtivo, sempre está marcado por um antes, um histórico que o engendrou. O mesmo ocorre com os processos comunicacionais.

Scolari (2008) chama atenção para o contexto de existência das novas tecnologias no ambiente sócio-técnico¹⁷³ de concentração vertical e horizontal das empresas de comunicação.

¹⁷³ “O desenvolvimento da Escola Sócio-Técnica teve início no Instituto Tavistock de Londres, nos anos 50, sob a coordenação de E. Trist, F. Emery, Rice, Jacques, Hall e Bramfort. [...] O modelo sócio-técnico parte do pressuposto de que todo sistema tem entrada, processamento e saída. Assim, a organização enquanto sistema de produção recebe (importa) matéria-prima (energia, informação e recursos) do meio ambiente e processa essa matéria-prima através de uma conversão em energia, informações, produtos acabados.” (GOMES, E.; BORELLI, F.; NAZARÉ, J. “Teoria Sócio-Técnica: Resgatando o Construto à Luz da Criticidade.” In: *Revista Eletrônica de*

Neste percurso sobre os processos de produção, falamos sobretudo das novas formas de fazer comunicação. No entanto, todas essas práticas são geradas em um ambiente altamente competitivo, e, apesar dos profetas de uma nova economia, as antigas leis capitalistas permanecem em vigor. As fusões verticais e horizontais de sociedades, as operações de concentração ou a conquista agressiva de novos mercados – sempre no limite das leis antimonopólio – não deixaram de caracterizar as empresas de comunicação. Uma construção teórica sobre as hiper mídias não deveria ser intoxicada pelas novas práticas produtivas e esquecer-se dos princípios de lucro e de rentabilidade que regem o funcionamento das indústrias culturais (SCOLARI, 2008).¹⁷⁴

Se, por um lado, as tecnologias digitais proporcionam inovação e transgressão dos modelos tradicionais de relação entre produção e consumo, por outro, as organizações buscam formas de enquadramento das novidades sem romper com os fundamentos que as estruturam. As redes sociais, o teletrabalho e a informação em tempo real dialogam com o novo, com o futuro, na mesma medida em que foram apropriados pelas condições objetivas que nos fazem estar no agora de um sistema econômico cada vez mais centralizador¹⁷⁵ e com infinita capacidade de controle sobre os dados particulares dos cidadãos.

No caso brasileiro, os conglomerados de mídia estão entrelaçados aos grandes oligopólios internacionais. Eles são beneficiados pela legislação que dá à empresa privada a concessão do espectro público de ondas de transmissão e privatiza toda a rede de infraestrutura de distribuição de cabos de transmissão de informação. Essa política inviabiliza a democratização da posse e do uso dos meios de comunicação. Reduz sobremaneira as possibilidades de ampliação do mercado de trabalho para os profissionais da comunicação. Redunda em política de precarização profissional, visto que os postos de trabalho se reduzem por causa das mudanças tecnológicas e que as novas possibilidades de emprego se apresentam sempre como instáveis, precárias, sem regulamentação.

São esses aspectos dos estudos do campo da comunicação que o binômio comunicação e trabalho permite colocar em evidência. Essa abordagem identifica as diferenças de proposições, de finalidades e de procedimentos entre a comunicação regida pelos interesses organizacionais e a comunicação que serve à atividade de trabalho. Tomar as relações de comunicação a partir do mundo do trabalho requer articulações entre as condições particulares dos sujeitos da comunicação com as condições gerais dadas pelos sistemas institucionais e os modelos de organização da produção.

A abordagem teórico-metodológica do binômio comunicação e trabalho é a mais adequada para responder a esses desafios, pois é capaz de articular os conceitos de trabalho, comunicação e linguagem como aspectos constitutivos do saber e do fazer humanos presentes no mundo do trabalho; bem como de relacionar o particular (local, cotidiano, individual) ao geral (econômico, histórico, social) e destacar o sujeito e sua atividade responsiva [no sentido bakhtiniano (1992)] em relação aos discursos que circulam na sociedade.

Gestão (Reges), Picos, v. 2, n. 2, mai./ago. 2009, p. 44-55. Disponível em: <http://www.ufpi.br/reges>. Acesso em: 3 fev. 2012.

¹⁷⁴ Nota do revisor: Tradução de citação em espanhol do Editor.

¹⁷⁵ Vale navegar pelos sites: <http://www.donosdamidia.org.br>, <http://www.intervozes.org.br> e <http://www.direitoacomunicação.org.br> para se ter ideia da concentração e do poder das empresas de comunicação, sobretudo no atual cenário das mídias digitais. Acesso em: 28 set. 2013.

Essa abordagem de estudo pode revelar a partir de quais valores as pessoas fazem suas escolhas; como se constituem os coletivos de trabalho; como as pessoas se apropriam dos artefatos tecnológicos, transformando-os em instrumentos afeitos à particularidade do sujeito (FOLCHER & RABARDEL, 2007); como se constituem as redes de ajuda e solidariedade na resolução de problemas e tarefas (SCHWARTZ, 2007); e como as pessoas respondem às mudanças que se dão nos perfis profissionais e nas sobreposições de funções.

Os resultados da pesquisa

Os resultados da pesquisa mostram a precarização das relações de trabalho (FIGARO, 2008, 2012, 2013; LIMA, 2010, 2013; GROHMANN, 2012, 2013), bem como a intensificação do ritmo de atividade exigido no âmbito do exercício profissional, prejudicando a qualidade de vida dos profissionais (HELOANI, 2008). Indicam também a preocupação dos comunicadores com o futuro da prática jornalística, principalmente aquela desenvolvida em jornais, revistas e televisão, em razão da redução de postos de trabalho nas empresas de comunicação.

Os dados apontam as mudanças no perfil do jornalista profissional: são mulheres, jovens, brancas, de classe média, a maioria sem filhos, multiplataformas, com vínculo de emprego precário, com curso superior completo e com especialização em nível de pós-graduação. Entre a amostra de jornalistas sindicalizados, 77% declaram-se brancos; e, entre a amostra dos jornalistas freelancers, 82% declaram-se brancos. Entre esses grupos de jornalistas, mais de 20% declaram já ter sofrido assédio moral no trabalho. Entre todos os jornalistas das diferentes amostras de respondentes, verificou-se que trabalham de oito a dez horas por dia em ritmo acelerado e a maioria está na faixa salarial de 2 a 6 mil reais, sendo que 40% dos freelancers declararam receber até 2 mil reais. Dado relevante é que, entre os jornalistas da amostra de respondentes dos sindicalizados, apenas 43% declararam ter registro em carteira profissional. A faixa etária mais alta é entre os profissionais sindicalizados; mesmo assim, a maioria entrou na profissão a mais de um ano e a menos de 15 anos, ou seja, quando as reformas trazidas pelo computador e a internet estavam se efetivando. Os jovens jornalistas chegaram ao mercado de trabalho com um desafio pela frente: entender o que era aquilo que estava acontecendo com as novas tecnologias de informação e de comunicação e como essas tecnologias alteram suas rotinas produtivas do fazer jornalístico.

Os freelancers trabalham sozinhos em casa e em período integral para vários lugares, de maneira geral, sendo os que recebem menor valor pelo trabalho. Começam a pensar como novos empreendedores e aplicam os conhecimentos do jornalismo a outras atividades, desde fazer a revisão de um trabalho acadêmico até vender um pacote de assessoria de comunicação a um político, trabalhar em projetos educacionais, em empresas de marketing etc.

A reestruturação produtiva, principalmente a partir dos anos 1990, transformou as relações de trabalho. Aumentou o número de jornalistas contratados sem registro em carteira profissional, abrindo caminho para o surgimento de novas formas de vínculos, como a terceirização, os contratos de trabalho por tempo determinado, o contrato de pessoa jurídica (PJ) e de cooperados e freelancers, entre outros. O fato de a maioria dos freelancers receber o pagamento a partir de nota fiscal fornecida por um terceiro e trabalhar no setor de revista e internet dá indicações claras de onde estão os problemas contratuais e da precarização dos direitos trabalhistas (décimo terceiro salário, férias, INSS, fundo de garantia etc.).

As respostas ao questionário, as falas nas entrevistas individuais e as falas nos grupos de discussão, ao ser analisadas, demonstram um conjunto de valores que, certamente, são influenciados pelas dificuldades encontradas na empregabilidade e pelas lógicas de mercado preponderantes na concepção do fato jornalístico. São os jovens os mais impactados pelas mudanças no mundo do trabalho. Eles não têm a memória das práticas anteriores. Eles não foram formados pelas gerações

que os antecederam. Quando chegaram às redações e ao mundo do trabalho, os mais velhos, seres analógicos, padeciam de desprestígio em relação aos usos dos novos artefatos profissionais.

A chamada “flexibilidade” transfere aos trabalhadores o peso das incertezas do mercado. Como mão de obra maleável, tanto em termos de horário como de jornada de trabalho ou de vínculo empregatício (como empregos temporários, precários ou trabalho autônomo), esses profissionais não têm podido planejar suas vidas em termos econômicos e em termos afetivos. Heloani (2008) destacou em sua pesquisa os problemas de saúde que as condições de trabalho têm causado aos jornalistas.

A percepção de que a receita publicitária incide sobremaneira no processo de seu trabalho é resposta majoritária dos jornalistas da pesquisa. Talvez seja esse o motivo para mais de 40% dos jornalistas que participaram da pesquisa afirmarem que *às vezes* ou *nunca* se pode tomar decisões a partir das informações das mídias.

Todos os que foram ouvidos e solicitados a responder as perguntas falaram espontaneamente sobre o trabalho (LACOSTE, 1995) e suas experiências, seus pontos de vista sobre a profissão. Há falas polêmicas. Há relatos de vida que revelam experiências que contextualizam problemas do exercício da profissão no quadro atual das relações do negócio da mídia e do discurso do jornalismo. As dificuldades do mercado de trabalho, as debilidades da formação universitária, as expectativas com relação à profissão e à dedicação ao trabalho desenham as trajetórias pessoais e também compõem o quadro real de como se exerce a profissão e as *dramáticas da atividade* (SCHWARTZ, 2007) que os jornalistas de carne e osso enfrentam no cotidiano de trabalho.

Do ponto de vista das rotinas produtivas, os desencontros entre as diferentes gerações, a falta de tempo para a passagem da experiência de um profissional mais velho para o mais jovem e os novos dispositivos da comunicação fazem com que o mundo do trabalho do jornalista se torne um caldeirão de tensões, desafios e conflitos.

Os mais jovens incorporaram-se ao mercado de trabalho sem buscar o sindicato para a associação de defesa corporativa. Poucos são sindicalizados e, ainda entre esses, poucos participam das atividades sindicais. Esses jovens não conseguem planejar a vida fora do curto prazo, vão em busca do cliente e consideram a informação como um produto.

As facilidades tecnológicas atuam, paradoxalmente, como um complicador porque exigem maior produtividade frente à concorrência. A distinção entre a fonte, o testemunho e a personagem que ilustra a notícia é um conflito a mais para o jornalista. Cada vez há um número maior de mediadores entre o jornalista e o fato.

Para alguns, a diferença entre o relato da testemunha do fato e a investigação e apuração jornalística está embaralhada. Para outros, há uma relação de solidariedade e colaboração entre a testemunha e o jornalista.

Outro aspecto relevante e que tem transformado a relação com o trabalho é o papel das assessorias de comunicação. Hoje, elas são necessárias ao processo produtivo. Não se trabalha nas redações das empresas de qualquer veículo de comunicação sem o apoio das assessorias. Há uma brutal profissionalização da área. Os enunciados do *forte* e do *fraco*, do *vender* e do *comprar*, da *guerrilha* e da *defesa* nomeiam e diferenciam o trabalho dos jornalistas assessores e dos jornalistas dos veículos das empresas de comunicação. Mas, na verdade, é impossível trabalhar num veículo de comunicação sem o trabalho anterior do jornalismo de assessoria.

O ritmo de trabalho, os desafios trazidos pelas novas plataformas e linguagens aumentam a tensão do profissional. Os vínculos contratuais cada vez mais precários, a terceirização e até a quarteirização da produção de conteúdos – os chamados trabalhos por projetos – são a realidade no meio profissional.

Agenciar o cliente e formatar o produto ao gosto dele passa a fazer parte da prática do jornalista. É o público-alvo ou o cliente que conforma o enquadramento do produto ou da notícia.

As respostas da maioria dos entrevistados permitem afirmar que eles possuem um perfil profissional deslocado de valores coletivos, são individualistas e muito mais preocupados com o negócio, meio de vida. Inclusive, esses valores individualistas se ajustam ao que Boltanski e Chiapello (2009) chamam de “novo espírito do capitalismo”, pois as instâncias coletivas de trabalho perdem força, havendo instâncias individuais em rede. Segundo Bernardo (2009), “as empresas estabelecem uma relação ambígua com seus empregados, pois os convidam a integrar equipes/grupos de trabalho ao mesmo tempo que lhes impõem relações de trabalho individualizadas” e, acrescentem-se, precárias. Por outro lado, verificou-se nas respostas de um grupo sempre minoritário, representando cerca de um terço dos respondentes, uma preocupação bastante contextualizada desses jornalistas com o compromisso da informação como direito humano e com como se dá a contradição entre esse direito e os interesses das empresas.

Observemos dois trechos da fala de uma jornalista freelancer, entrevistada para a pesquisa:

[...] eu não consigo mais confiar no que grandes meios falam, porque você vê que a notícia é muito manipulada. Então, até que ponto você confia no que uma *Folha de S.Paulo* fala? Até que ponto você confia no que uma *TV Globo* fala? [...] tem o lance das fontes, a internet abriu muito... tem vários blogs e, nesse aspecto, é até legal, mas o volume é muito grande, você tem que aprender a administrar isso para não se perder. Porque, num primeiro momento, as atividades continuam iguais, eu tenho as mesmas funções, mas, em compensação, tenho o dobro de fontes e alternativas para pesquisar, para me inteirar dos acontecimentos. Então tem que administrar muito bem isso, acho que esse é um ponto essencial. [...] Porque ela [a informação] é básica para a sobrevivência das pessoas, desde saúde, higiene, política; o que estão fazendo com seu dinheiro ou o que não estão fazendo; acho que a transparência da informação devia estar muito mais perto dos cidadãos do que até hoje está, e acho que ela está bem distante disso, porque as pessoas também não têm noção que elas têm esse direito [...]. Eu acho que é um direito, sim (Jornalista freelancer, maio 2011.)

A crítica à linha editorial de veículos de comunicação consagrados, a possibilidade de hoje se recorrer a um leque diferenciado de fontes de informação e o compromisso do jornalista com o direito do cidadão à informação são enunciados que indicam a preocupação da profissional com seu papel de mediadora dos discursos sociais.

Esses excertos de sua fala são exemplos de um ponto de vista minoritário entre os jornalistas. A esse ponto de vista podemos contrapor um outro, radical, mas que pode nos nortear sobre as disputas ideológicas e que dizem respeito aos valores sobre a profissão e sobre o papel no jornalismo na sociedade.

Esta fala é um excerto da discussão sobre a profissão, o diploma e o papel do jornalista. Outra jovem fala, de seu ponto de vista de profissional freelancer, sobre a cobertura de esportes na televisão:

[...] isso vai cair naquela velha discussão sobre se o jornalista precisa ou não do diploma. Eu acho, por exemplo, que um médico é muito mais hábil [para] escrever uma matéria sobre medicina do que eu. Eu acho que, às vezes, um político é muito mais competente para escrever sobre política do que eu, porque, se eu tiver que escrever uma matéria sobre política, vou ter que varar uma semana para estudar política – e eu não sei nem o que é o PMDB e o PSDB. Então, se você falar para mim “você quer fazer uma matéria sobre política ou eu posso dar para o Maluf escrever?”, digo para passar para o Maluf (Jornalista freelancer, out. 2011.)

Como se pode verificar, a jovem jornalista não tem uma visão coletiva de sua profissão, não consegue discernir que seu papel como profissional especializado é exatamente o de pesquisar, buscar formas discursivas de aproximar todos os temas possíveis do cidadão comum. É exatamente o papel do jornalista que ela nega.

São esses valores contraditórios, enunciados pelos discursos dessas duas profissionais, que circulam no mundo do trabalho do jornalismo e que os estudos da comunicação não podem menosprezar, pois eles compõem o produto final jornalístico devolvido à população.

As condições precárias de trabalho só fazem recrudescer essas disputas ideológicas e enfraquecem as conquistas democráticas. Está na ordem do dia em nosso país aprofundar as diferenças estruturais entre liberalismo e democracia. Sobretudo destacar que a democracia deve ter como pressuposto o direito humano à informação e ao trabalho decente.¹⁷⁶

Considerações finais sobre a abordagem de comunicação e trabalho e a pesquisa com os jornalistas

A abordagem do binômio comunicação e trabalho mostra-se pertinente e frutífera, porque possibilita entrar no mundo do trabalho por meio dos relatos de quem trabalha e reconstruir os fios da rede de relações que se estabelecem na sociedade. Essa abordagem mostra os processos de comunicação, os problemas e os desafios para o exercício profissional, permite entender a amplitude e os limites de pontos de vista que permeiam o universo ideológico daqueles que trabalham e revela os valores a partir dos quais os jornalistas editam o mundo para a sociedade.

Os resultados permitem afirmar que as dificuldades do ritmo de trabalho acelerado, da variedade de plataformas e da convergência de mídias recrudesce problemas que não são exatamente novos, mas para os quais os jornalistas não conseguem vislumbrar solução. Dizem respeito às orientações deontológicas da profissão, da ética jornalística no tratamento com as fontes, à visão voltada ao interesse público e não ao interesse do público cliente. Tais dificuldades são enunciadas na contraposição: manter os fundamentos ou atender à loucura dos ritmos e das demandas do trabalho.

A formação generalista e com forte repertório humanista é aspecto cada vez mais relevante para a preparação do profissional. Os valores éticos e a responsabilidade com o direito à informação precisam ser reforçados como aspectos fundamentais na formação do jornalista, sobretudo para ajudá-los a enfrentar as injunções da lógica econômica que teima em sobrepor-se à lógica do bem-estar das pessoas. O direito do cidadão à informação, conforme garantem nossa Constituição e o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, é que deve pautar a prática jornalística.

Roseli Figaro

É professora livre-docente do programa de pós-graduação em ciências da comunicação da USP, com pós-doutorado em ergologia pela Universidade de Aix-Marselha, na França. Coordena o Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho USP/CNPq e é chefe do Departamento

¹⁷⁶ O conceito é defendido pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como ponto de convergência de seus quatro objetivos estratégicos: “o respeito aos direitos no trabalho (em especial aqueles definidos como fundamentais pela Declaração Relativa aos Direitos e Princípios Fundamentais no Trabalho e seu seguimento adotada em 1998: (i) liberdade sindical e reconhecimento efetivo do direito de negociação coletiva; (ii) eliminação de todas as formas de trabalho forçado; (iii) abolição efetiva do trabalho infantil; (iv) eliminação de todas as formas de discriminação em matéria de emprego e ocupação, a promoção do emprego produtivo e de qualidade, a extensão da proteção social e o fortalecimento do diálogo social. Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/content/o-que-e-trabalho-decente>. Acesso em: 28 abr. 2013.

de Comunicações e Artes da ECA/USP. Suas áreas de pesquisa são comunicação, epistemologia e teorias da comunicação. Entre suas publicações recentes está o artigo “A Triangulação Metodológica em Pesquisas sobre a Comunicação no Mundo do Trabalho”, na *Revista Fronteiras* (on-line), 2014. (Seu e-mail é: figaro@uol.com.br)

Referências bibliográficas

- ABREU, Alzira. *A modernização da imprensa (1970-2000)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação e linguagem*. Discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOUR, Rosaline. *Grupos focais*. Coleção pesquisas qualitativas. Porto Alegre: Artemed, 2009.
- BERNARDO, Marcia Espanhol. *Trabalho duro, discurso flexível: uma análise das contradições do toyotismo a partir da vivência de trabalhadores*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DENZIN, Normam K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Penso, 2006.
- DIERKES, M.; HOFMANN, J.; MARZ, L. A evolução tecnológica e a mudança organizacional: estruturas de inovação divergentes. In: OECD. *As tecnologias do século XXI: ameaças e desafios de um futuro dinâmico*. Lisboa: Gepe, 2000.
- FIGARO, Roseli. *Relações de comunicação no mundo do trabalho*. São Paulo: Annablume, 2008.
- _____. *O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo*. Um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo. São Paulo: CPCT/Fapesp, 2012. Disponível em: http://www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp/wp-content/uploads/relatorio_final_2012.pdf. Acesso em: 28 abr. 2013.
- FOLCHER, V; RABARDEL, P. Homens, artefatos, atividades: perspectiva instrumental. In: FALZON, P. (Ed.). *Ergonomia*. São Paulo: Blucher, 2007.
- GRAMSCI, Antonio. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- GROHMANN, Rafael. *Os discursos dos jornalistas freelancers sobre o trabalho: comunicação, mediações e recepção*. Dissertação de mestrado. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), 2012.
- HELOANI, R. *Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista*. Pesquisa de pós-doutorado. ECA-USP/FGV. Comunicação ao Congresso da Federação Nacional dos Jornalistas, São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.fenaj.org.br/saude/apres_roberto_heloani.ppt. Acesso em: 14 abr. 2013.

JENSEN, K. B.; JANKOWSKI, N. M. (Eds.). *Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas*. Barcelona: Bosch, 1993.

LACOSTE, Michèle. Parole, activité, situation. In: BOUTET, Josiane (Ed.). *Paroles au travail*. Paris: L'Harmattan, 1995.

LIMA, Cláudia do Carmo Nonato. *Comunicação e mundo do trabalho do jornalista: o perfil dos jornalistas de São Paulo a partir da reconfiguração dos processos produtivos da informação*. Dissertação de mestrado. ECA/USP, 2010.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1993.

SCOLARI, Carlos. *Hipermediaciones: elementos para una teoría de la comunicación digital interactiva*. Barcelona: Gedisa, 2008.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. *Trabalho e ergologia*. Rio de Janeiro: Eduff, 2007.

_____. Uso de si e competências. In: SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis. *Trabalho e ergologia*. Rio de Janeiro: Eduff, 2007.

_____. Trabalho e uso de si. *Revista Pro-Posições*. Faculdade de Educação, Unicamp, São Paulo, n. 32, 2000.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

VIGOTSKI, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.